



---

## 4º Domingo da Páscoa (17/04/2005) Domingo do "Bom Pastor"

### 1ª leitura: Atos 6.1-9; 7.2,51-60

O texto que fala da organização do ministério diaconal é importante na liturgia de hoje. No Evangelho leremos o discurso em que Jesus afirma ser "o bom pastor". A base do ministério cristão é o serviço, porque este foi o ministério de Cristo. Encontramos aqui o início do que posteriormente se desenvolveu como ordem diaconal até chegar às formas como a entendemos hoje. Porém, o mais importante é observar que a escolha de algumas pessoas para atender às necessidades internas da comunidade é obra do Espírito na vida da Igreja. A nova comunidade que nasce a partir da ressurreição de Cristo não pode reproduzir as estruturas excludentes do mundo. O conflito entre as viúvas dos judeus e as viúvas dos helenistas era, primeiramente, um conflito étnico, com conseqüências sócio-econômicas. O ministério que surge ali tem então uma dimensão bastante ampla – não se trata apenas de zelar pela distribuição eqüitativa de alimentos, mas fazer disso sinal de que realmente a ressurreição de Cristo derrubou todos os muros étnicos que separam as pessoas.

Temos aqui um sinal de que Deus continua cuidando do seu rebanho nos momentos críticos. Mas esse agir de Deus se efetua concretamente através da mediação de seres humanos. Em nosso texto, são "os sete", pessoas de boa reputação e – algo muito importante – escolhidas pelo povo, pela "multidão", em assembléia. Aqui a própria Igreja como um todo participa na escolha das pessoas que a representarão nesse importante ministério que sinaliza para a nova comunidade que Deus está formando.

A segunda parte da leitura está centralizada no discurso e testemunho de um desses "sete" – Santo Estevão, reconhecido como o primeiro mártir cristão. Embora o recorte do lecionário fragmente bastante o discurso de Santo Estevão, uma leitura panorâmica nos mostra que sua estrutura acompanha os sermões apostólicos de Pedro e, mais tarde, de Paulo. A continuidade da tradição é nítida. Além disso, o contraste entre a multidão furiosa, disposta a derramar sangue inocente e a oração de Estevão pelo perdão de seus perseguidores é digno de nota, pois remete à própria morte de Jesus que, inocente, ainda roga ao Pai por que perdoe aqueles que o crucificaram porque não sabiam o que faziam.

A diaconia é exercida de várias maneiras. Não podemos jamais imaginar que a diaconia seja algo que deve ser feito apenas pelas pessoas que recebem a ordenação diaconal. Ao contrário, o ministério dos/as diáconos/as hoje é o de representar a Igreja toda e impulsiona-la a estar atenta às necessidades do mundo e servir aos necessitados. Por isso, no contexto da liturgia, além de fazerem a leitura do Evangelho, os/as diáconos/as lideram e coordenam as intercessões, preparam a Mesa e despedem a Igreja ao mundo. (Rev. Carlos Eduardo Calvani)



## **Epístola: 1 Pedro 2.19-25**

O recorte para hoje está em função do Domingo do Bom Pastor. Falando do sofrimento vitorioso do Pastor do Rebanho na forma de Isaías 53, o autor exorta os destinatários da carta a fazer do sofrimento injusto uma ocasião para participar do sofrimento do Pastor. O texto apresenta certa dificuldade aos ouvidos dos nossos contemporâneos. Parece sugerir uma submissão passiva e até legitimação da escravatura ou de uma ordem social injusta. Acontece, porém que, sem falar em abolição da escravatura, a carta está dizendo alguma coisa digna de observação:

“Servos (*ouketai*, servos domésticos, da casa e não escravos - *douloi*) sejam submissos... mulheres sejam igualmente submissos...” (3.1). Essas exortações podem ser consideradas como diretrizes de comportamento dos membros da Casa entre si e em relação com a sociedade. Essa comunidade minoritária vivia num mundo em que era rigorosa a observação da regras patriarcais de comportamento entre escravos e senhores, mulheres e maridos, crianças e pais. Há uma crítica ao relacionamento do modelo “patriarcal” de um lado, e de outro, certa acomodação ao modelo vigente. Nota-se que, por exemplo, os servos (e não escravos como noutras cartas) ocupam o primeiro lugar na lista e representam todos da casa. Nessa qualificação eles pertencem a Deus (2.16), à Sua casa, criada e construída em Cristo (2.2-10). É a condição de todos os membros da Igreja pertencer a Cristo. Não se trata, assim, de advogar o sofrimento, mas de encontrar em Cristo a capacidade de sofrer em favor de outrem até as injustiças, se for o caso. A ênfase recai na figura do Cristo de acordo com Isaías 53, isto é, livre de vingança, sem recorrer as mesmas armas e mesmos métodos dos infligem o sofrimento.

Com isto, no seu silêncio, a Carta estava apontando para um tipo de relacionamento capaz de constituir uma nova comunidade, realmente alternativa, onde impera a fraternidade, solidariedade e igualdade. Como em Isaías e Ezequiel 34 Deus em Cristo reúne, sara e cuida do seu rebanho desbaratado e depredado e faz do mesmo uma habitação acolhedora. (Dom Sumio Takatsu)

## **Santo Evangelho: João 10.1-10**

Embora a perícopes selecionada vá apenas até o versículo 10, sugerimos sua leitura até o versículo 18, pois são os que mais se aprofundam no ministério do bom pastor. Além disso, enquanto a figura de Jesus como a porta está em antítese com a figura do ladrão (v. 1-10), a imagem do bom pastor está em antítese com a do mercenário (v.11-18).

O capítulo 10 de João deve ser compreendido como uma seqüência do capítulo 9 que fala da controvérsia de Jesus com os fariseus por causa da cura de um cego. Os fariseus que reagiram tão negativamente àquela cura representam no evangelho joanino todas as forças legalistas e opressoras em ação no mundo, que por se



sentirem ameaçadas em seu poder religioso, tentavam destruir a obra de Cristo e afastar as pessoas da porta da salvação. Cristo não hesita em chamá-los de "ladrões", "exploradores" ou "salteadores" porque se arrogavam dirigentes do povo e usavam o poder religioso que a posição e o título lhes conferia para oprimir e amedrontar as pessoas, ao invés de favorecer sua libertação. Representam a religiosidade arcaica, sem noção de serviço, apodrecida com normas legais e preceitos usados para encobrir a falta de fé. Por isso, a instituição que eles dominam é lugar de trevas e morte, da qual as pessoas devem ser libertadas.

As "ovelhas", por sua vez, são o próprio povo dominado pelos líderes políticos e religiosos, e que não percebem que aqueles que se dizem guias espirituais ou dirigentes do povo, na verdade são ladrões e bandidos. É bom lembrar que naquela época o poder religioso estava intimamente ligado ao poder político. Eis aí uma pista para introduzir a homilia: destacar o desamparo e a falta de esperança do nosso povo constantemente enganado, ludibriado e expropriado de seus direitos a uma vida digna, à vida em abundância, exatamente por aqueles que se dizem seus protetores e guias: políticos mal-intencionados e líderes religiosos inescrupulosos.

Quanto aos líderes religiosos, há exemplos de mercadores da fé em todos os segmentos cristãos. E embora possam divergir teologicamente, algo os une: a pregação religiosa que nunca ameaça ou denuncia aqueles que estão no poder. Sempre que os ouvimos falar de problemas sociais, o discurso é superficial, não atinge a ninguém e nem aponta os responsáveis. Apenas reforça a fragilidade das pessoas, tornando-as mais facilmente manipuláveis emocionalmente. Nós os ouvimos acusar, sim, aqueles que não podem ser responsabilizados historicamente, tal como os "demônios" e "entidades espirituais". Mas nunca chegam a apontar caminhos concretos como a reforma agrária, por exemplo, ou mudanças na economia e na distribuição de renda. Esse tipo de pregação alienante e alienada, que se alimenta do sofrimento é bem própria daqueles que, tal como os fariseus, não aceitam a libertação das garras da lei e da religiosidade estéril proporcionada pela mensagem do Evangelho. São guias e pastores que só estão em nosso meio para roubar, matar e destruir.

A atitude de Jesus é outra. Seu ministério é de libertar as ovelhas, mas não para aprisioná-las em outro aprisco, e sim para fazê-las caminhar. Tampouco é a atitude do mercenário que vê o lobo aproximar-se e abandona as ovelhas, preocupado apenas consigo mesmo. Portanto, nesse Domingo é oportuno refletir sobre alguns aspectos do texto:

Cristo diz que as ovelhas o conhecem e ouvem sua voz. Isso deve nos fazer considerar a ameaça freqüente de outras vozes parecidas com o canto da sereia. Essas se apresentam como belas e atrativas, mas aprisionam mais ainda as pessoas, ao invés de libertá-las. A voz de Cristo é outra. Ao nos chamar pelo nome, não nos promete "sucesso total" ou "prosperidade". Mas promete sua companhia e direção na caminhada. Estamos realmente dispostos a ouvir a mensagem radical dessa voz que não faz concessões nem teme os que dominam o poder político, econômico e religioso em nosso tempo?



---

O critério de autenticidade do bom pastor não é o que ele promete, mas o que ele efetivamente faz. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas, ao contrário do mau-pastor, do ladrão e do mercenário, que tiram a vida das pessoas e não se importam com elas mas apenas consigo mesmos;

“As ovelhas de outro redil”. Cristo diz que também são suas. Isso deve nos fazer considerar a abrangência do amor de Deus. Tal como Wesley que dizia “minha paróquia é o mundo”, mais do que nunca devemos compreender que a igreja existe para reproduzir o ministério do bom pastor: abrir-se em serviço e doação ao mundo. Não importa se as pessoas se filiarão à nossa Igreja. Não deve ser esse o interesse maior ou principal das atividades pastorais que desenvolvemos na comunidade. Essa é a mentalidade do mercenário. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)